

JORNAL: Tribuna da Imprensa LOCAL: Quamabara
DATA: 24/04/1969 AUTOR: Jacob Klintowitz
TÍTULO: A envolvente realidade de Serpa
ASSUNTO: Ivan e suas arcas

Já
copiada

TIRAR

RIO DE JANEIRO, 24 DE ABRIL DE 1969

Tribuna da Imprensa



Arte

JACOB
KLINTOWITZ

Visão parcial da arca no momento em que era
"visitada" por um espectador

A envolvente realidade de Serpa

Arcas e mobiliários coloniais brasileiros modificados para oferecer uma nova e envolvente realidade ao homem contemporâneo é a última atitude do artista Ivan Serpa que ao longo de sua vida profissional tem estado entre os artistas brasileiros mais sensíveis às mudanças e novas aberturas contemporâneas.

Ivan que tem se destacado como um dos mais atuantes artistas brasileiros desenvolve mais um caminho no seu trabalho e, sem dúvida, estamos perante o que de melhor já foi feito pelo artista. Ivan assume a sua função de transformador de mundo e, usando de sua longa e acumulada experiência, transforma arcas compradas aos antiquários, em verdadeiras arcas de tesouro de sensibilidade e percepções.

Partindo do seu conhecido desenho do anóbio, ou cupim, que com seus caminhos e atividades representou um tema longamente explorado por Serpa, as formas tomaram relevos e se transformaram em peças de um delicado mecanismo onde o relevo e a sensibilidade cromática adquirem inesperados valores.

São formas recortadas dentro de certa medida, composta em intrincados desenhos e painéis, integradas com espelhos colocados em ângulos estudados para refletirem realidades múltiplas, compondo o pequeno mundo de

dentro de uma arca, onde o espectador termina por integrar-se, numa mistura de horror e felicidade.

A primeira das arcas realizadas constitui-se de 128 peças individuais que compõe a sinfonia de relevos idealizados por Serpa. Os espelhos multiplicam essas formas ao ponto de levá-las à um não limite e acrescentam ainda um elemento inesperado: a figura do espectador.

Ivan Serpa está preparando o mobiliário brasileiro completo, compondo-se esse de arcas, oratórios, cama, cômoda etc. Todo êle é pensado e realizado a partir da impressão a causar no espectador e permanecendo fiel aos princípios do artista. Dessa maneira o cupim volta a ter vida, noutra dimensão, noutra realidade e com mais participantes.

As formas são realizadas em branco, oferecendo apenas os valores cromáticos das sombras e das nuances estabelecidas pela luz. À medida que a luz se modifica, que o dia passa, modifica também os valores estabelecidos pelos relevos.

Dentro de seu trabalho Ivan torna-se escultor e artista ambiental, ou seria melhor dizer que consegue integrar as várias faces de sua

versatilidade, incluindo dessa vez a participação do espectador num clima de encantamento e esteticismo.

Porque deve ser dito que Ivan criando essa arte ambiental não abandonou os princípios que sempre nortearam a sua atividade criadora, permanecendo fiel a êles e ao seu conceito de arte, tantas vezes expresso publicamente.

Não crê que a arte tenha terminado, que todo trabalho seja inútil ou que não há mais sentido nisso e naquilo. Mostra o que já fez, desenho por desenho e as suas atuais experiências dentro da litografia, e os seus planos de uma grande retrospectiva no MAM.

O que acontece é que Ivan Serpa ao invés de simplesmente achar que algumas categorias artísticas terminaram, acrescenta a sua contribuição ao processo de desenvolvimento da arte brasileira, buscando no seu próprio desenho e nas suas antigas concepções e formas, a motivação atual.

Essa grande renovação de Ivan, representada pelo atual trabalho e criação, não representa de forma alguma a negação de suas anteriores posições e atividades, mas a sua mais clara afirmação. Uma afirmação dialética.